

## Mulheres, violência e dispositivo amoroso: uma discussão a partir de Balzac\*

Madge Porto\*

### Resumo

Tem-se como objetivo discutir sobre a permanência de algumas mulheres em relações conjugais mediadas pela violência. A partir dos conceitos narcisismo, masoquismo, desamparo e dispositivo amoroso, foi realizado um estudo de abordagem qualitativa e descritiva, tendo como base o texto *Ao “Chat-qui-pelotte”* de Balzac. Identificou-se uma relação entre as experiências da personagem Augustina e das mulheres que vivem em situação de violência de forma continuada e repetitiva: buscam, paradoxalmente, proteger-se do medo e do abandono em nome da promessa da plena realização produzida pelo amor e pela maternidade, modelo de feminino do patriarcado capitalista.

**Palavras-chave:** VIOLÊNCIA CONTRA MULHER; PSICANÁLISE; DISPOSITIVO AMOROSO; LITERATURA.

## Women, violence and the love device: a discussion from Balzac

### Abstract

The objective is to discuss the permanence of some women in conjugal relationships mediated by violence. From the concepts narcissism, masochism, helplessness and love device, a qualitative and descriptive study was carried out, based on the text *Ao “Chat-qui-pelotte”* by Balzac. A relationship was identified between the experiences of the character Augustina and the women who live in a situation of violence in a continuous and repetitive way: they seek, paradoxically, to protect themselves from fear and abandonment in the name of the promise of full fulfilment produced by love and motherhood, female model of capitalist patriarchy.

**Keywords:** VIOLENCE AGAINST WOMEN; PSYCHOANALYSIS; LOVE DEVICE; LITERATURE.

## Mujeres, violencia y el dispositivo del amor: una discusión de Balzac

### Resumen

El objetivo es discutir la permanencia de algunas mujeres en las relaciones conyugales mediadas por la violencia. A partir de los conceptos narcisismo, masoquismo, impotencia y dispositivo de amor, se realizó un estudio cualitativo y descriptivo, a partir del texto *Ao “Chat-qui-pelotte”* de Balzac. Se identificó una relación entre las vivencias del personaje Augustina y las mujeres que viven una situación de violencia de manera continua y repetitiva: buscan, paradójicamente, protegerse del miedo y el abandono en nombre de la promesa de realización plena producida por el amor y la maternidad, modelo femenino del patriarcado capitalista.

---

\* Agradeço à Profa. Dra. Terezinha de C. Viana (in memoriam), à Profa. Dra. Eliana R. Lazzarini, à Profa. M.a. Liliane Gomes e à Psicóloga Fabiana Guedes, pelo diálogo produtivo que tornou possível a escrita desse artigo.

\* Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Curso de Psicologia - Universidade Federal do Acre (UFAC),

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0384-9889>

E-mail: [madge.cruz@ufac.br](mailto:madge.cruz@ufac.br)

**Palabras clave:** VIOLENCIA CONTRA LA MUJER; PSICOANÁLISIS; DISPOSITIVO DEL AMOR, LITERATURA.

Pensar as questões de gênero no contexto da violência contra as mulheres é pensar que, mesmo a humanidade experimentando tantos avanços, nas ciências, na tecnologia, e de acesso a direitos, a partir de marcos legais explícitos, ainda nos deparamos com condutas que nos parecem estranhas e que, por isso, instigam e geram uma questão importante: por que algumas mulheres persistem em relações mediadas pela violência, mesmo depois de todas as conquistas no campo da sexualidade e da família oportunizados pelo movimento feminista? Isso se justifica porque parece que tais transformações não contribuíram para modificar essas relações mediadas pela violência para um grupo de mulheres.

A Lei Maria da Penha é um marco nesse cenário, que se articula aos demais equipamentos da política de enfrentamento à violência contra a mulher, tais como as delegacias da mulher, casas-abrigo e centros de referência, os serviços que formam a rede de atenção instituída a partir das conferências de políticas para as mulheres iniciadas na primeira década do século XXI (Brasil, 2013).

Mesmo depois da implantação da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres pelo Governo Federal no início dos anos 2000, os estudos mostram que muitas mulheres continuam vivendo relações conjugais mediadas pela violência (Waiselfisz, 2015, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019, Cerqueira, 2021, Bueno, Martins, Brandão, Sobral e Lagreca, 2023). É importante salientar o atravessamento das questões de raça/etnia, pois, dos homicídios de mulheres entre 2003 e 2013, houve uma



*Eva Uviedo: Saúde é Vital*

queda de 9,8% entre as brancas e um crescimento de 54,2% entre as negras (Waiselfisz, 2015). A maioria das mulheres (58,1%) são agredidas pelo companheiro ou ex-companheiro e 53,8% relatam que a casa é o local de maior vulnerabilidade (Bueno et al, 2023). Dados que precisa ser considerado em todas as análises.

Destaque-se que, nos serviços desta rede de atendimento especializado, está incluída a intervenção em psicologia, ou seja, há uma demanda para que psicólogas atuem nos casos de violência contra as mulheres; no entanto, um terço das mulheres que buscam esta política mantém-se em situação de violência, mesmo após o atendimento especializado (Garcia, Ribeiro, Jorge, Pereira e Resende, 2008). Nem mesmo independência financeira e acesso à educação, inclusive de formação universitária, são condições de proteção contra situações de violência (Cunha, 2008).

Neste cenário, pode-se perguntar: por que essa mulher não abandona a relação violenta, mesmo quando se observa que teria condições – materiais e ou de apoio - para tal decisão?

Para pensar sobre possíveis respostas, recorreu-se a um texto de Balzac (1830/1989) chamado *Ao “Chat-qui-pelotte”*. Este texto, escrito no século XIX, traz a narrativa de uma história de amor, onde podemos identificar posições diferentes de mulheres que vivem em uma mesma época, mas que escolhem saídas diferentes na relação com os homens e na relação com elas mesmas. O que também torna interessante este texto é que, Augustina, personagem escolhida para nossa discussão, tem à sua disposição uma rede de apoio e ajuda que, em tese,

poderia permitir a escolha de uma saída mais saudável para seus conflitos, mas não o faz. Como um número expressivo de mulheres que sofrem violência.

*Ao “Chat-qui-pelotte”*: um breve resumo

Essa é uma das primeiras obras da Comédia Humana de Honoré de Balzac. Uma história de amor, a descrição de uma paixão romântica. O autor faz uma crítica de forma irônica ao capitalismo, destaca o conflito entre as diferentes classes que se organizaram nesse modo de produção, enquanto a escolha amorosa é reivindicada como um direito e expressão da liberdade humana. A arte é percebida como prazer, o trabalho sentido como sofrimento.

Teodoro é um jovem artista da aristocracia parisiense que se apaixona pela filha mais jovem e inculta de um comerciante de sucesso. O jovem encanta-se com a beleza da jovem no esplendor de seus 18 anos e, a partir daí, faz todas as artimanhas da conquista romântica, apesar da grande diferença entre essa garota e as mulheres com quem ele tinha o costume de lidar. Augustina era bela e prendada, mas se vestia modestamente e pouco estudou, apesar da fortuna do pai.

Teodoro, fascinado pela beleza da jovem e inebriado por sua paixão, retrata-a numa tela. Apesar da distância social entre os dois – o aristocrata e a burguesa - Augustina sentiu-se amada e começam a construir uma história de amor. O pai de Augustina acreditava que as mulheres tinham que se casar com um homem de sua classe, pois “(...) o amor resistia tão pouco aos atritos domésticos” (Balzac, 1830/1989, p. 109). Mesmo assim, casaram-se no auge da paixão.

Depois de três anos de casamento, Augustina começa a ficar “pálida”, dedicada e obediente, não mais fascinava Teodoro. Ele começou a sentir falta dos modos, da instrução das mulheres de sua classe, enquanto ela fazia uso de todos os artifícios para agradar ao marido e se fazer desejar.

Ela tinha esperança de que o amor do marido pudesse ser restituído graças a sua permanência na realização de seus deveres de esposa, tais como, o cuidado da casa, a economia e a obediência. Todavia, apesar de seus esforços, ele começa um romance com uma duquesa. Uma mulher da aristocracia, que era casada e tinha outros amantes, um deles o Senhor D’Aiglemont.

Augustina foi cortejada por outros homens, mas se manteve fiel, como acreditava que deveria ser uma boa esposa. Não conseguia explicar para sua família o que ocorria em seu casamento nem os costumes do marido. “Aprendeu então que uma mulher deveria ocultar a todos, a seus pais, as desgraças para as quais tão dificilmente se encontram simpatias” (Balzac, 1830/1989, p. 122).

Resolve, então, procurar a amante de seu marido para aprender como tê-lo de volta. A duquesa de Carigliano, mesmo tendo vários amantes, era respeitada inclusive pelo próprio marido, pois era uma “mulher superior”. Ela ouviu o pedido de ajuda de Augustina prontamente e se disponibilizou a auxiliá-la. Refletiu com ela, apresentou argumentos, propôs uma saída, uma forma de Augustina ter o que desejava – o desejo do marido de volta. Augustina, apesar de tentar fazer o que lhe foi orientado, apesar de ter o apoio da família, que, ao tomar conhecimento dos acontecimentos, dissera-lhe que voltasse para casa, fracassou e acabou morrendo, atuando um fim trágico, como aquele que acomete muitas mulheres em situação de violência.

### **Método**

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritivo e documental com foco na protagonista Augustina (Balzac, 1830/1989), como referência para se tentar uma explicação sobre o que determina a escolha por viver em uma situação de violência apesar das condições materiais e cognitivas de se fazer um rompimento; em outras palavras, observar o que desejam

as mulheres que continuam em situações de violência. Assim, foi definida como forma de realizar a análise: descrever as atitudes das personagens articulando com atitudes comuns ao grupo de mulheres que sofrem violência, procuram os serviços especializados e continuam em relações mediadas pela violência e com os conceitos psicanalíticos de narcisismo (Freud, 1914/2004), masoquismo (Freud, 1924/2007) e desamparo (Menezes, 2012), além do conceito de dispositivo amoroso (Swain, 2006, Zanello, 2018).

### **Resultados e discussão**

Balzac (1830/1989) apresenta duas mulheres que têm do mesmo homem paixão e desprezo. Augustina, ele despreza; a Duquesa, ele ama. Augustina poderia voltar para a casa dos pais, eles não se opuseram ou poder-se-ia elencar várias saídas para Augustina, suas várias possibilidades, como muitas vezes fazemos diante de um relato de uma mulher que sofre violência doméstica.

Todavia, percebemos que não se trata do que se sabe ou não se sabe sobre a violência contra as mulheres, se elas têm apoio ou não, ou se lhes são oferecidas várias saídas, pois já foi constatado que um terço das mulheres, que passam pelos serviços especializados para mulheres em situação de violência, retornam para as situações de violência (Garcia et al., 2008) e que, mesmo mulheres com condições econômicas que lhes permitem uma sobrevivência digna (Cunha, 2008), vivem situações de violência. Essa constatação nos leva a pensar: o que deseja essa mulher?

Considerando os estudos de gênero na perspectiva de Zanello (2018), começamos a entender a influência do discurso “científico” sobre a diferença entre homens e mulheres, que foi utilizado para embasar as diferentes possibilidades de mobilidade social permitidas para homens e negadas para mulheres. Trata-se de um processo que se deu na acumulação primitiva do capital (Federici, 2017) e na sua consolidação, realizando uma transformação social no que diz respeito ao lugar estabelecido para as mulheres, ou seja, compor a família nuclear do lar burguês com a tarefa de cuidar, trabalhando sem remuneração (Federici, 2019).

Esse processo também foi fomentador da psicanálise, que inicia dando voz ao sofrimento de mulheres, que desejavam e não podiam expressar seus desejos e adoeciam. Um dos caminhos desse mal-estar foi canalizado em movimentos sociais que fortaleceram, posteriormente, as lutas femininas.

É importante resgatar uma frase da duquesa de Carigliano em conversa com Augustina: “... não nos devemos deixar jamais desprezar por um homem; de semelhante queda não nos podemos levantar senão por manobras odiosas” (Balzac, 1830/1989, p. 126-127). Uma fala sobre a recusa à submissão que parece encontrar correspondência direta na afirmação de Freud (2019/1918), quando diz que a permanência em uma relação conjugal infeliz opera como recusa a uma perda narcísica alimentada pelo desejo inconsciente de vingança

A frase da duquesa, quando articulada ao referencial freudiano, promoveu uma reflexão a partir da qual outras questões surgiram: De que estado de submissão estaria Freud a falar? A permanência em uma relação abusiva exigiria das mulheres algum tipo de manobra odiosa? Considerando o contexto dos estudos sobre a violência contra as mulheres, seria a sujeição, e não a afeição, a responsável por ligar essas mulheres aos seus maridos/companheiros? Ou ainda, é possível pensar em um enaltecimento de si firmado sobre a submissão? Essas e outras perguntas se constituíam enquanto a imagem da cena descrita por Balzac se formava: a bela Augustina, pálida e abatida, e a duquesa rosada e feliz.

Para tentar refletir a partir dessas questões, pode-se considerar o conceito de dispositivo amoroso de Zanello (2018) “Para as mulheres, o amor diz respeito à sua identidade, como uma experiência vital” (p. 230). Assim, o amor, tornou-se a forma de ser e viver imposta socialmente

às mulheres nesse contexto histórico da produção e desenvolvimento do capitalismo, estando seu protagonismo na possibilidade de “ser escolhida”. Para isso, precisam adequar-se ao ideal estético vigente, qual seja, ser magra, loira, jovem e branca para estarem bem colocadas na “prateleira do amor” (Zanello, 2018), quanto mais distante deste ideal, mas prejudicada será a posição na prateleira.

Nesse contexto, é possível relacionar essa perspectiva à discussão de dispositivo amoroso apresentado por Swain (2006), que liga as mulheres à natureza. Esta concepção de amor, construída em condições históricas e sociais definidas, é a base do amor romântico ou ideal romântico, o modelo vigente na sociedade que Augustina vivia e que está na base do entendimento do amor vivido na contemporaneidade, pois a emancipação das mulheres a partir do século XX, como consequência da luta feminista, ainda não é uma experiência de todas as mulheres.

A reação perplexa e apática de Augustina, diante da indiferença de Teodoro é semelhante à experiência de uma parte significativa de mulheres que sofrem violência e procuram a rede de atendimento especializada: as mulheres tendem a esperar que os homens mudem (Brandão, 1998; Brasil 2003; Garcia e et al., 2008) e apegam-se, no processo do ciclo da violência, à fase da *lua de mel* (Walker, 1979), como o passaporte para o retorno aos primeiros momentos da aproximação. Essa fase da reconciliação representa o momento em que as mulheres que sofrem violência renovam as esperanças de que seus maridos (companheiros, homens, parceiros) voltem a ser os românticos conquistadores de outrora, como Teodoro fora um dia, e elas novamente voltem a ser a mulher idealizada, escolhida, reconhecida. Isso se destaca porque, mesmo quando existe uma rede de enfrentamento à violência, ou seja, uma política pública de apoio às mulheres que se encontram vivendo em relações abusivas, muitas não conseguem romper com o ciclo da violência com esperança de ter a promessa de ser amada cumprida.

Teodoro, também sofre, quando não tem a exclusividade do amor da duquesa, por exemplo, ele também vive, de outra forma, o descompasso, a incompletude do encontro dos sexos. Todavia, esse sofrimento não atinge sua identidade, não questiona seu lugar de homem na sociedade. Já no caso de Augustina, ela tem sua condição de mulher questionada, ao não ser capaz de corresponder ao que é esperado de uma mulher; pois, para existir, uma mulher precisa ser reconhecida por um homem que a escolha, pois só assim, poderá corresponder ao que é esperado dela. (Zanello, 2018).

Augustina percebe-se amada e rende-se ao lugar imaginário em que Teodoro a demanda. Tenta ser a mulher que Teodoro via em sua beleza, antes de se casarem, mas que não a tinha, era um objeto desejado, uma fantasia, um objeto inalcançável.

Augustina fala a sua mãe “*Minha querida mãe, a senhora julga, com demasiada severidade, as pessoas superiores. Se elas tivessem ideias semelhantes às dos outros, não seriam mais criaturas de talento*”. Nesse trecho, há uma justificativa para a atitude do amado, mas também outra coisa se deixa ver: Augustina percebe-se inferior. Pálida e sem forças diz: *não ousei fazer nada a não ser o que já faço!* Augustina faz essa escolha, continuar a fazer o que sempre fez, em uma busca desesperada para satisfazê-lo, mas, na verdade, para poder existir (Zanello, 2018).

Diante desse argumento, fica uma questão: será que as mulheres que sistematicamente se colocam no lugar de vítimas, deixando-se desprezar, não estariam agindo, a partir de uma formação cultural, com base no amor romântico como Augustina? As mulheres que continuam nos ciclos de violência estariam tentando retornar ao lugar, um dia ocupado, de ser desejada e idealizada, assim como a protagonista? Pois precisam existir, e como sê-lo sem o reconhecimento, sem serem escolhidas?

### **Violência contra as mulheres, submissão e amor**

A relação dos problemas contemporâneos da violência contra as mulheres e um texto escrito, que se passa na França do século XIX, foi pensada, em breves palavras, a partir da consideração que é nesse momento que se apresenta a consolidação do individualismo, o desenvolvimento do capitalismo (Federici, 2017) e a estabelecimento da modernidade, como também é nesse tempo que se observa uma nova ordenação do desejo, observada pela expressão de novas formas de subjetivação (Birman, 2012).

É certo que muito se diferencia a França do século XIX e o Brasil do século XXI, tanto do ponto de vista da cultura, como do ponto de vista das questões sociais, históricas e econômicas. A trama expõe, contudo, valores e conflitos constituídos nesse processo histórico, marcado por costumes, estilos e forma de organização social que surgiram na Europa a partir do século XVII, e que se espalharam por outros continentes; de modo que se vive hoje uma potencialização do que se desenhava no século XIX para as relações entre homens e mulheres.

A implantação do sistema capitalista promoveu profundas transformações sociais, que conferiram à mulher um lugar restrito aos cuidados domésticos para com a casa e os filhos. A constituição desse lugar para as mulheres impôs a criação de um padrão de feminilidade que predomina ainda nos dias atuais e tem como principal função promover o casamento entre as mulheres e o lar (Kehl, 2008, Federici, 2017).

Este modelo de feminilidade vem sendo transmitido de uma geração para outra, por intermédio da educação formal, expectativas parentais, das ideias pregadas pelo senso comum, da religião e da produção científica e filosófica, que por muito tempo embasou o conservadorismo pregado pela Igreja, sendo este responsável por determinar o que cada mulher deve ser para constituir-se como uma “verdadeira mulher”. Compondo, assim, parte do imaginário social moderno (Kehl, 2008, Federici, 2017, Zanello, 2018).

Mesmo que hoje existam referências sobre identidade de gênero e orientação sexual que transgridam os padrões fundados na modernidade e no capitalismo, o modelo no Brasil, para a maioria de sua população, ainda está amparado nos moldes modernos. Tais moldes, segundo Kehl (2008), atuam na produção de uma posição feminina que sustente a virilidade do homem burguês, ou seja, em função do gênero, as mulheres foram subjugadas e colocadas como adereços da figura masculina, estando seu sucesso dependendo da sua capacidade de arrumar um “bom partido”. Exatamente o que aconteceu com Augustina e acontece com as mulheres na luta desesperada por um lugar na “prateleira do amor” (Zanello, 2018).

Quando se considera que a literatura contribuiu diretamente para a propagação de um ideário de feminilidade (Kehl, 2008), tem-se mais uma justificativa para relacionar uma personagem de um romance do século XIX com as vivências de mulheres do século XXI. De acordo com a autora, no século XIX houve um aumento no número de títulos direcionados ao público feminino; entretanto, esse tipo de produção literária coincidiu com o período de consolidação do capitalismo e contribuiu para a criação dos códigos burgueses, segundo os quais a mulher era “valorizada” a partir do casamento e dos cuidados domésticos que assumiria após a ocorrência deste: um modelo que ainda persiste na contemporaneidade, como já foi destacado, apesar das conquistas do movimento feminista.

Na contemporaneidade, observa-se a expansão e a radicalização da modernidade, podendo ser nomeada pós-modernidade ou modernidade tardia, intensificada pelas novas formas de relação e de comunicação, ocasião em que “o homem moderno está permanentemente confrontado com sua condição de desamparo, insuficiência e vulnerabilidade” (Souza, 2005,

p.72), em distinção aos ideais totalizantes de outrora. Tais características configuram uma nova forma de ser e de desejar, cuja compreensão passa pelo olhar da psicanálise.

Para Birman (2012), a psicanálise é uma leitura da subjetividade e de seus impasses na modernidade, o que permite o estabelecimento de um fio de ligação entre esses momentos, a partir da semelhança dos dramas vivenciados pelas mulheres que sofrem violência hoje e o comportamento da protagonista da trama que, espera pela mudança do marido e acredita que pode mudá-lo.

Os motivos de Augustina para permanecer na relação com Teodoro trazem consigo os elementos de garantia da condição de mulher respeitável na sociedade como ser casada, ter um lugar de destaque na estratificação social, o que possibilita uma compreensão psicanalítica sobre a subjetividade que se compõe nesse contexto, cuja dinâmica opera pela via do amor e do reconhecimento do outro como recompensa narcísica. Mas, por que se deixa desprezar e acredita que assim poderá mudar o marido obtendo o amor e o reconhecimento desejados? Parece existir algo mais.

Freud (1914/2004), quando fala sobre o narcisismo de homens e mulheres refere que, entre as mulheres, a necessidade é de ser amada e não de amar. Nesse ponto, poder-se-ia perguntar se as mulheres que insistem em viver situações de violência conjugal fazem isso não porque amam o homem, do qual se compadecem, nem porque desejam mudá-lo (Brandão, 1998), mas porque desejam ser amadas. Todavia, a estratégia utilizada para retomar esse amor é degradar-se, submeter-se à violência e ao desprezo, da mesma forma que Augustina fazia, como se não admitissem perder o lugar que antes ocuparam, ou pensaram ocupar, como amadas e desejadas plenamente, o que caracteriza uma atitude narcisista.

Augustina coloca-se como alguém que quer amar incondicionalmente, que quer realizar todos os desejos do marido. As mulheres que sofrem violência também se apresentam de forma semelhante. Pode-se pensar, contudo, que, na realidade, o que essas mulheres desejam é continuar sendo amadas como foram outrora. Nesses termos, poderíamos considerar que não se trata de uma atitude altruísta e sim, paradoxalmente, narcisista. Precisam ser reconhecidas.

Freud (1914/2004) afirma que o sentimento de inferioridade de um indivíduo é resultado de um eu empobrecido, que necessita do amor do outro para elevar sua autoestima. Dessa forma, pode-se deduzir que uma pessoa que esteja vivendo em situação de violência de forma sistemática e repetitiva submete-se a essa vivência por demandar o amor do outro a qualquer preço para não se fragilizar ainda mais. E, sendo assim, corresponder ao que dela demanda a sociedade patriarcal, a conformidade ao modelo de feminilidade dócil que cuida.

Kehl (2008) questiona o porquê de Freud denominar um dos tipos de masoquismo que categoriza como masoquismo feminino e não de masoquismo infantil, uma vez que além de comportar fantasias femininas de castração e copulação, ele remonta às fases iniciais da vida humana. Além disso, seria uma forma de afastar a feminilidade do lugar de natureza e alçá-la ao posto de construção social e cultural.

Por outro lado, considerando a noção de autoestima, muito utilizada para entender o fenômeno da violência contra as mulheres, alguns estudos (Cunha, 2008, Brasil, 2003, 2006) apontam que existe a ideia que mulheres se submetem à violência por terem uma baixa autoestima. Assim, é importante pensar o que seria então uma autoestima alta. Da perspectiva dos estudos gênero, em especial, o conceito de dispositivo amoroso (Swain, 2006, Zanello, 2018), o modelo social para uma mulher se considerar empoderada e plena passa por ser amada e aceita (1)

Diante dessa perspectiva, a autoestima estaria em enquadrar-se no modelo e não em romper com ele, que é objetivo da maioria das intervenções realizadas nas políticas públicas especializadas (Porto, 2018). Ou seja, romper com o modelo não traria, necessariamente, a

esperada autoestima. Diante dessa reflexão, qual autoestima se buscaria? Como ser empoderada num contexto que, a todo o momento, regula, assujeita e define?

Assim, como em Augustina, parece existir nas mulheres que sofrem violência e continuam submetendo-se a esta, um desejo de ter o amor como outrora o tiveram, ou imaginaram ter, e um medo devastador de não mais ter a pessoa amada. Mesmo quando têm condições objetivas de romper com tal situação. Para realizar tal desejo, começam a deixar-se subjugar, a não contrariar os desejos do cônjuge, como diz Augustina, ainda na conversa com a duquesa: “Como é possível, senhora, recusar qualquer coisa ao homem a quem amamos?” (Balzac, 1830/1989, p. 126). Como dizer não a si mesma? Esta é uma questão relevante quando entendemos que a identidade de uma mulher é constituída a partir dos dispositivos amoroso e materno (Zanello, 2018), ou seja, uma mulher só se sente sujeito quando corresponde ao modelo imposto de feminino, determinado pelo amor romântico que demanda todo tipo de sacrifício e o amor maternal com toda uma carga de outros sacrifícios, para que possa sentir-se viva, para existir. Neste ponto podemos lançar mão da teoria psicanalítica e pensar: Qual o desejo de Augustina? Pois, há uma fala que invoca uma ação pelo amor ao outro, mas ao mesmo tempo, revela a negação de si mesma, pois seu desejo é ser desejada para poder existir.

Nesse contexto, pode-se pensar também sobre o extremo do estado de estar amando, descrito por Freud (1921/2016) como estado de fascinação ou servidão. Nesses casos, tudo que é feito e demandado pelo objeto de amor é aceito e legítimo, para as mulheres, pois, para Freud (1914/2004), são as mulheres que amam ser amadas. De alguma forma, é possível que essa servidão esteja presente nesses casos de relações mediadas pela violência, um modo de buscar de alguma maneira ser amada.

Kehl (2008) alerta que tal teoria também foi perpassada pelas limitações e expectativas que o próprio Freud mantinha sobre o papel a ser desempenhado pelas mulheres com quem convivia, uma vez que o próprio Freud (2010/1932) acreditava ser a agressividade feminina um componente pulsional socialmente comprimido, ou seja, as mulheres eram educadas a reprimir qualquer tipo de reação mais enérgica e violenta, enquanto a docilidade, a passividade e submissão feminina seriam traços socialmente ensinados e desejados nas mulheres.

Como Augustina, as mulheres que se assujeitam à violência, assumem um papel desprezível, pois se oferecem como objeto, de forma a viverem para realizar as demandas do homem que dizem amar. Não identificam, nem vislumbram atitudes que lhes coloquem com dignidade diante do seu cônjuge. Também não identificam a possibilidade de amor com outra pessoa, em outras circunstâncias e, por isso, insistem em continuar buscando o amor no mesmo homem, ou até em outro homem com o qual, em muitos casos, continuam vivendo sob a violência. Para muitos, isso é compreendido como masoquismo (Freud, 1924/2007), todavia, fazendo uma reflexão que considere as questões da constituição histórica, cultural e política do lugar de mulher na sociedade ocidental, bem como a influência desse modelo na constituição subjetiva das mulheres (Zanello, 2018), pode-se supor que é uma escolha possível para a sobrevivência, enfrentando o que considera ser a alternativa mais fácil de lidar.

Nesse contexto, é intrigante a estratégia adotada por Augustina, completamente diferente daquela adotada no início do romance, quando foi desejada pela primeira vez. No início, havia a não realização dos desejos do pretendente. Depois que a relação se estabelece, deixou-se desprezar, sucumbiu e colocou-se totalmente à disposição como se, dessa forma, pudesse reconquistar o desejo do amado.

A partir da psicanálise, essa submissão pode ser pensada, não como uma atitude altruísta que gera necessariamente a autodesvalorização, mas como um elogio narcísico que sustenta uma posição masoquista ancorada nos papéis sociais que continuam a direcionar o lugar das mulheres na sociedade. Nesses casos, a dor e o sofrimento figuram como elogio e predicado que permite à mulher o reconhecimento pelo olhar do grande outro social. Se não há o

reconhecimento do parceiro, a mulher se reconhece a partir dos predicados de mulher casada, respeitada e mãe de família, mas não sai dos dispositivos que ancoram sua identidade: o amor e a maternidade, o lugar de cuidar do outro, de negar a si mesma pelo amor que tem ao outro, mas que, pode-se pensar considerando a literatura citada, é a forma de se constituir pessoa na organização social moldada pelo patriarcado.

Pensar sobre um tipo específico de violência que atinge mulheres, demanda considerar o conceito de gênero, que converge um campo extenso e complexo de estudos, com destaque para a contribuição relevante de autores/as como Rubin (1993), Butler (1990, 1992) e Bourdieu (1998/2005). No âmbito deste estudo, optou-se por considerar a perspectiva de Butler (1990), que apresenta a categoria sexo como uma produção discursiva do gênero questionando o binarismo sexo-gênero que coloca o sexo no lugar da natureza. Todavia, enfatizando os pressupostos de Swain (2006), que argumenta a partir desse pressuposto, discute sobre o dispositivo amoroso, que impõem às mulheres o desejo do amor romântico e está ligado à construção social do feminino na cultura patriarcal, e de Zanello (2018), que apresenta o amor com experiência vital para as mulheres. Esses foram considerados conceitos importantes para compreender o fenômeno da violência contra as mulheres, embora o estudo não se detenha a aprofundar as discussões contemporâneas sobre o conceito de gênero.

O conceito de dispositivo amoroso (Swain, 2006) apresenta-se como uma forma de relacionar o social e o individual, destacando o quão imbricado estão e como definem e amarram lugares, posições e formas de ser homem ou mulher:

O dispositivo amoroso e a sexualidade formam a trama onde se tece e se produz o feminino – a objetivação indissociável do processo de subjetivação, a produção do sujeito de um saber e a produção do saber sobre um sujeito por meio de práticas discursivas e não discursivas diversas. As tecnologias do gênero têm assim uma dupla face, externa e interna a si mesma, que trabalha na produção do sujeito feminino em quadros de valores para os quais é e cria referência. A ação sobre si utiliza técnicas de adaptação, de recusa, de assujeitamentos aos códigos, aos limites, às normas de gênero e de sexualidade (Swain, 2006, p. 12).

Mesmo diante do dispositivo amoroso que constitui o ser-mulher, a duquesa de Carigliano se apresenta “empoderada”<sup>1</sup>, o marido comanda exércitos, mas ela o comanda e ele a teme: “Veja, o duque de Carigliano adora-me; pois bem! Ele não se atreve a entrar por esta porta sem a minha licença. E é um homem habituado a comandar milhares de soldados. Sabe afrontar baterias, mas diante de mim tem medo” (Balzac, 1830/1989, p. 127).

É certo que a duquesa pertence à aristocracia e pertencer a essa classe já confere poder. Poder-se-ia pensar que ela é mais “empoderada” que Augustina por isso, uma questão de classe social; todavia, os homens com os quais se relaciona também são da aristocracia, o duque e Teodoro e eles estão aos seus pés mesmo ela sendo uma mulher. Por ser mulher não deveria estar submissa ao poder masculino?

Assim, como fica a explicação da assimetria de poder entre os sexos e da posição hierarquizada entre mulheres e homens para mulheres como a duquesa? Esta não se constituiu uma mulher como as outras, ou seja, dentro das referências do que deveria ser uma mulher na sociedade daquela época? Em que é diferente? O que a faz perceber os homens de outra forma? Por que ela sabia ter aos seus pés o próprio marido, o esposo de Augustina e o Sr. D’Aiglemont?

Por que a duquesa não misturava paixão com casamento, como a própria fez questão de destacar: “*Se continua a falar em paixão quando lhe falo em casamento, em breve não nos entenderemos mais*”? (Balzac, 1830/1989, p. 126). Ao que parece, a duquesa não investe subjetivamente nos seus relacionamentos, logo, não tem no parceiro um objeto fálico do qual não poderia se desfazer, mas ao contrário, ela se coloca como objeto causa do desejo para esses

homens, que a veneram e dessa forma engrandecem o seu narcisismo. Aqui, identificamos um paradoxo do pensamento burguês, pois o pensamento burguês quer colocar o amor como requisito para as uniões conjugais, embora os interesses econômicos permaneçam presentes e sejam os determinantes, mesmo sendo negados. A protagonista casa por amor, mas a classe econômica continua marcando a relação.

Para Augustina, e um grande número de mulheres que se submetem a uma relação violenta, parece haver uma dívida que repousa sobre o investimento subjetivo direcionado ao parceiro, se não há retorno, permanece uma tentativa persistente de se reaver o que foi investido narcisicamente na relação. Dessa forma, a violência perpetua-se enquanto a mulher espera um retorno narcísico cujo principal representante é o amor, que justifica ter sido escolhida.

Assim, sendo as mulheres constituídas num dispositivo amoroso reafirmado cotidianamente pelas tecnologias de gênero (De Lauretis, 1987), ou seja, tudo que fazem é por amor, submetem-se a diversas formas de violência por amor. Swain (2006) refere sobre essas tecnologias que os:

[...] discursos sociais produzem sexo – corpos biológicos – e sexualidade – práticas sexuais – de forma mais densa no binário e na hierarquia, e assim produzem gêneros, diferenças, margens, centros, polaridades, padrões, tipologias e as diferenças assim instituídas trazem as marcas do político, das relações de poder de um patriarcado que ainda não disse suas últimas palavras [...] O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem (p.6-10).

De outro ponto de vista, Menezes (2012) refere que, nesse processo de se defrontar com o desamparo por não ser amada, assim, “... o sujeito se submete ao conforto da posição masoquista, refugia-se e afunda-se no abismo do masoquismo” (p. 117), em um contexto no qual “(...) o casamento se constitui como fator de risco para a saúde mental das mulheres e como fator de proteção para a dos homens” (Zanello, 2018, p.232), e, sendo assim, Augustina se suicida e Teodoro segue vivendo sua vida.

Essa discussão avança no sentido de apresentar, de forma mais direta, que tudo que se refere a mulheres e homens são construções sociais, que não há nada “natural”, nem mesmo o sexo, valendo-se aqui do conceito de Foucault (1976/1988) de dispositivo de sexualidade, que discorre sobre a “[...] produção discursiva do sexo-necessidade, do sexo-verdade, do sexo-identidade, do sexo-vida” (Swain, 2006, p. 05).

#### Considerações finais

A análise a partir da obra de Balzac é uma tentativa de discutir o fenômeno da violência contra as mulheres utilizando argumentos referentes às formas de subjetivação, não como tendências patológicas de extremos, mas como processos e dinâmicas subjetivas e sociais.

É instigante pensar que, em sua obra, Balzac aborda uma questão tão atual, de forma a trazer aspectos sociais e individuais de uma dinâmica do drama em que tantos casais vivem: uma dinâmica de fantasia e realidade, de amor e ódio, de submissão e violência. Demonstrando que o amor não é suficiente para garantir a felicidade, nem felicidade individual nem social.

Para Freud (1914/2004), o amor tem um valor fálico e ocupa um papel importante da vida psíquica das mulheres, ao passo que perder o amor se constitui como ferida narcísica. É como se precisassem ou mesmo desejassem, não o homem, mas o lugar de amada e correspondida, por isso as repetidas violências vão sendo minimizadas em nome do objetivo de reconquistar o amor e o desejo do outro. Segundo Zanello (2018) as mulheres se casam com o casamento.

O sofrimento de Augustina assemelha-se com os de mulheres que sofrem violência, pois ela sofre por precisar adequar-se a um modelo de ser mulher que lhe era imperativo. Algo que

interpela e que faz com que se busque satisfação onde não há possibilidade de obtê-la. Assim como mulheres que persistem em relações violentas, que acreditam que realizarão a promessa do amor romântico, da felicidade plena, do amor e da maternidade, reforçadas pelas tecnologias de gênero diariamente.

Ao procurar ajuda, a mulher declara seu mal-estar, assume que perdeu, que deseja algo diferente do que vive e percebe o quão difícil é deparar-se com o real e transgredir as normas do patriarcado; e nós mulheres, psicólogas, pesquisadoras, feministas precisamos ter um aparato de conhecimento para oferecer a ajuda desejada, da melhor forma possível e sem funcionar como aparato de manutenção deste sistema de opressão.

Os limites, o estranho, o poder, os padrões, o modelo, a política, a subjetividade. Muitas questões, muitas perguntas, profundas transformações. A insistência em ter voz, em usar do discurso do lugar de mulher aponta-nos o conflito, confronta-nos com o mal-estar, faz-nos entender que é preciso assumir o desejo de ser mulher reconstruindo dispositivos e revolucionando o saber fálico.

### Referências:

- Balzac, H. (1989). Ao 'Chat-qui-pelotte'. In H. BALZAC. *A Comédia Humana*. Vol. 1 (pp. 83-129). Rio de Janeiro: Editora Globo. (Original publicado em 1830).
- Birman, J. (2012). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Originalmente publicado em 1998).
- Brandão, E. R. (1998). Violência conjugal e o recurso feminino à polícia. In C. Bruschini.& H. B. Hollanda (Orgs.). *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. (pp. 51-84). São Paulo: Editora 34/Fundação Carlos Chagas.
- Brasil, Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2003). *Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher – Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas*.
- Brasília, A Secretaria. Brasil. Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. (2006). *Norma Técnica de Uniformização: Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência*. Brasília: Autor. Brasil. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. (2013) *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres - 2013-2015*. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Bueno, S., Martins, J., Brandão, J., Sobral, I., Lagreca, A. (2023). *Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil* 4ª edição. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Datafolha – Instituto de Pesquisa. Acessado em 08-04-2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>
- Butler, J. (1990). *Gender trouble. Feminism and the Subversion of Identity*, New York: Routledge.
- Butler, J. (1992). Problema de los géneros, teoría feminista y discurso psicoanalítico. In J. L. Nicholson (Ed.), *Feminismo/posmodernismo*. (pp. 75-95). Buenos Aires: Feminaria Editora.
- Cerqueira, D. (2021). Atlas da Violência 2021 / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP.
- Cunha, T. R. A. (2008). Violência conjugal: os ricos também batem. *Publ. UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes*. 16(1), 167-176.

- De Lauretis, T. (1987). *Technologies of gender. Essays on Theory, Film, and Fiction*, Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.
- Federici, S. (2019). *O Ponto Zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019). Atlas da violência 2019. São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Foucault, M. (1988). *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. (M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque, Trans.). (7ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Originalmente publicado em 1976).
- Freud, S. (2007). O problema econômico do masoquismo. (L. A. Hanns, Coord. Geral Trad.). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume III: 1923-1940. (pp. 103-124). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. (L. A. Hanns, Coord. Geral Trad.). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume I: 1911-1915. (pp. 95-131) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2019). O tabu da virgindade. (M. R. S. Moraes, Tradução). *Amor, Sexualidade e Feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1918).
- Freud, S. (2016). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Porto Alegre, RS: L&PM. (Original publicado em 1921).
- Garcia, M. V.; Ribeiro, L. A.; Jorge, M. T.; Pereira, G. R. & Resende, A. P. (2008) Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(11), 2551-2563.
- Hanada, H., D'Oliveira, A. F. P. L., & Schraiber, L. B. (2008). *Os psicólogos e a assistência a mulheres em situação de violência*. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Menezes, L. S. (2012). *Desamparo*. (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Porto, M. (2018). *A Psicologia na Política para as mulheres em situação de violência: avanços e desafios*. 1. ed. Rio Branco: Edufac., v. 1.
- Rubin, G. (1993). *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. (C. R. Dabat, Trad.) Recife: SOS Corpo. (Originalmente publicado em 1975).
- Souza, M. L. R. (2005). *Violência*. (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Swain, T. N. (2006). *Entre a vida e a morte, o sexo (également en français)*. *Labrys, Études Féministes/ Estudos Feministas*, juin/ décembre / junho/ dezembro. Acessado em 16-10-2013. Disponível em: <http://intervencoesfeministas.mpbnnet.com.br/textos/tania-entre-a-vida-e-a-morte.pdf>
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015*. Homicídio de mulheres no Brasil. 1ª Edição Brasília – DF – 2015. Acessado em 11-11-2015. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)
- Walker, L. (1979) *The battered woman*. New York: Harper and How.
- Zanello, V. (2018) *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris: Curitiba – PR.

## Notas:

- (1) O termo *Empoderada* vem da expressão inglesa *empowerment* que “[...] na concepção feminista, remete a mudanças sociais e culturais, lembrando que as relações interpessoais em todos os níveis sociais são relações de poder desiguais de gênero. *Empowerment* corresponderia ao fortalecimento das mulheres, no sentido da redistribuição de poder em favor delas, sendo necessárias mudanças na ideologia patriarcal, nas estruturas das instituições sociais (família, classe, religião, processos educacionais e suas instituições, mídia, serviços e práticas de saúde, leis e códigos civis, instituições governamentais) que reforçariam e perpetuariam a discriminação de gênero e iniquidades sociais” (Hanada, D’Oliveira e Schraiber, 2008, p. 06).

**Citação/Citation:** Porto, M. (2023) Mulheres, violência e dispositivo amoroso: uma discussão a partir de Balzac. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XV, no. 1.), pp. 67-79.

**Recebido em:** junho de 2022.  
**Aprovado em:** janeiro de 2023.